



Instituto de Estudos da Linguagem

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Cano

Júlia Mota Silva Costa

A representação das paixões em *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë, em contrapartida a *Razão e Sensibilidade*, de Jane Austen

O objetivo da pesquisa era realizar uma análise comparativa entre dois romances ingleses do século XIX, *Razão e Sensibilidade* (1811) de Jane Austen e *O Morro dos Ventos Uivantes* (1847) de Emily Brontë, sob o recorte da representação das paixões. O projeto envolveu a pesquisa da primeira recepção aos romances, com levantamento das resenhas publicadas em periódicos britânicos do século XIX; a análise das concepções clássicas mobilizadas pelos primeiros críticos das obras; um estudo da filosofia moral britânica do século XVIII, especialmente dos textos de Lorde Shaftesbury; e a análise temática e formal das narrativas, focando a construção das personagens e o modo como o sentido moral, ou a sua ausência, se implica na própria forma dos romances.

Metodologia

A pesquisa se apoiou nas ideias de Hans Robert Jauss (1994) em *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. Nessa obra, Jauss propõe um projeto estético-recepcional da História da Literatura cuja premissa fundamental é a de que somente a relação dialógica entre literatura e leitor pode mediar a oposição entre os aspectos estéticos e históricos de uma obra, reatando “o fio que liga o fenômeno passado à experiência presente da poesia” (JAUSS, 1994, p. 23). A historicidade da literatura deve, assim, ser considerada sob três aspectos: diacronicamente, sincronicamente e sob a relação entre o desenvolvimento da história literária e a história geral.

A formulação do problema de pesquisa

A centelha de curiosidade que levaria à escolha do tema desta Iniciação Científica foi provocada pela leitura da biografia de Charlotte Brontë escrita por Elizabeth Gaskell (1946), mais especificamente, pelo relato que aí consta da troca de correspondências entre G. H. Lewes e Brontë. Em uma resenha publicada na *Fraser's Magazine* em dezembro de 1847, Lewes afirmara que a qualidade de um romance reside na correta representação da vida e dos caracteres humanos e, por isso, Henry Fielding e Jane Austen deveriam ser considerados os maiores romancistas em língua inglesa e os modelos nos quais os novos

escritores deveriam se inspirar. C. Brontë discordou categoricamente da opinião do crítico sobre a autora de *Razão e Sensibilidade*, alegando que a obra desta última carecia não somente de vivacidade, mas da *poesia* e da *paixão* que tornam um escritor grandioso (GASKELL, 1946, pp. 239-49). A recepção de *O Morro dos Ventos Uivantes* (1847), de Emily Brontë, irmã mais nova de Charlotte, traria a mesma questão à tona. Em um prefácio que Charlotte escreveu à obra de sua irmã, a força e a ingovernabilidade das paixões que se manifestam em *O Morro dos Ventos Uivantes* são colocadas em relevo, de modo que Charlotte reconhece, aí, a vivacidade de que, em sua opinião, Jane Austen carecia. Foi possível perceber, assim, que a questão do *páthos* apresentava-se então como um problema que se relacionava à própria definição dos critérios adequados para julgar o gênero romance, de modo a evidenciar o interesse de análise da representação das paixões nas obras. As referências de C. Brontë e de Lewes sugerem que Jane Austen figuraria no sistema de referências do leitor de *O Morro dos Ventos Uivantes* em 1847, o que justifica a comparação entre os romances escolhidos.

A primeira recepção aos romances

As resenhas de *Razão e Sensibilidade* apontam para uma recepção favorável da obra de Jane Austen. De fato, todas as cópias da primeira edição – estimadas em 750 – foram vendidas em cerca de um ano, garantindo uma segunda edição em 1813 e rendendo um lucro de 140 libras para a sua autora (FERGUS, 2009, pp. 44-5). Os comentários são bastante elogiosos: em uma das resenhas, por exemplo, o livro de Austen é descrito como uma exceção dentre as obras contemporâneas caracterizadas por mesmice de estilo e previsibilidade do enredo. São enfatizados o decoro e a boa composição de *Razão e Sensibilidade*, as personagens são consideradas naturais e bem desenhadas, e os incidentes, prováveis, agradáveis e interessantes (SOUTHAM, op. cit., p. 33). As vantagens instrutivas do romance são destacadas pelos resenhistas, e percebe-se, em seus discursos, que a excelente lição moral da obra relaciona-se à questão da moderação das paixões: eles identificam o aspecto excessivo da sensibilidade/susceptibilidade de Marianne como um traço negativo de seu caráter, ao mesmo tempo em que elogiam a conduta regrada de Elinor, que é descrita como uma personagem que pode servir de exemplo às leitoras. Nesse sentido, é possível dizer que houve uma espécie de reconhecimento, por parte dos críticos, dos valores subjacentes à obra. Essas resenhas evidenciam que a recepção positiva de *Razão e Sensibilidade* está entrelaçada ao seu sentido edificante, a esse valor moral intrincado na própria composição das personagens e da ação da narrativa.

Ao contrário do romance de Austen, porém, *O Morro dos Ventos Uivantes*, publicado em dezembro de 1847, rompeu tão radicalmente com as expectativas dos críticos que a primeira recepção da obra denota uma perplexidade generalizada. Considerou-se, no

geral, que o romance de Emily Brontë era uma obra estranha, e essa impressão de estranheza vinha do que foi percebido como um descompasso entre a força de composição evidenciada na narrativa e a sua matéria repulsiva, e as resenhas indicam o desconforto provocado pelo que foi julgado como um aspecto selvagem, não-cultivado, brutal das personagens e da ação do romance. O livro foi colocado numa espécie de beco sem saída: suas personagens foram consideradas ou excessivamente realistas, ou improváveis. Nos casos em que se considerava que os caracteres eram verdadeiros demais, os críticos recorriam ao propósito de instrução e entretenimento da ficção para embasar a sua reprovação e sustentavam que cabia ao escritor selecionar e refinar aquilo que seria representado com vistas à edificação e ao prazer do leitor. Quando, porém, as personagens eram consideradas inverossímeis, então os resenhistas sublinhavam a necessidade de fidelidade à natureza do caráter humano por parte do romancista, e afirmavam que a obra de Emily Brontë era muito improvável. Havia uma dificuldade em localizar a moralidade da obra que foi explicitamente formulada pelos resenhistas.

A herança clássica e o romance inglês: *utile dulce*

As resenhas evidenciaram que os críticos mobilizavam em sua avaliação dos romances preceitos da tradição literária clássica, nomeadamente a concepção de que à ficção cabe deleitar e instruir. Conforme afirma Raquel de Almeida Prado, a ascensão do gênero romance “à condição de literatura” passava necessariamente pela sua submissão às regras da retórica clássica (PRADO, 1997, p. 34). Estas carregavam, no século XVIII, a particularidade que lhes havia sido atribuída pelo classicismo francês do século anterior, cuja redescoberta da poética aristotélica se dera por meio de traduções italianas e sob influência de Horácio, de modo a promover uma “apropriação da regra de verossimilhança pela função moralizadora da poesia” (ibid., p. 24). Trata-se, aqui, do preceito horaciano do *utile dulce*: nas palavras de Sandra Vasconcelos, “instruir e divertir” se tornariam as “palavras de ordem” dos romancistas ingleses, cuja maioria “aceitava como regra o pressuposto de que a poesia devia oferecer ao mesmo tempo prazer e instrução moral” e, assim, distribuía “à farta a justiça poética aristotélica (também chamada de justiça imanente), que previa a recompensa da virtude e a punição dos vícios” (VASCONCELOS, 2007, pp. 69-70).

A filosofia moral britânica: vício e virtude, excesso e moderação

De acordo com Lorde Shaftesbury, uma ação só pode ser qualificada como virtuosa na medida em que tenha sido movida pela paixão ou afecção de uma criatura detentora da capacidade de refletir sobre o caráter moral dessa ação: dado ser o homem a única criatura dotada de racionalidade e de poder de reflexão, a virtude lhe é exclusiva e deve ser considerada como o próprio fim de sua natureza, como a sua condição mais benéfica, para a qual ele se inclina naturalmente. Por sua vez, o sentido fundamentalmente coletivo dessa

virtude reporta-se à convicção de que, sendo o homem parte de um sistema perfeito, existe uma integração, uma organicidade entre o bem do indivíduo e o bem coletivo; nesse sentido, aquilo que é bom para o indivíduo necessariamente o será, também, para a sociedade, assim como aquilo que é prejudicial para ele, também o será para a coletividade. A noção de bem pessoal, portanto, não existe jamais em oposição à sociedade e ao bem comum, pelo contrário: a própria satisfação pessoal é obtida a partir do exercício de uma virtude voltada ao bem coletivo, enquanto a infelicidade e a miséria residem no egoísmo. Assim, para Shaftesbury, o comportamento imoral se origina necessariamente na imoderação das paixões, sejam elas excessivamente débeis ou violentas. Nesses termos, o próprio funcionamento da vida em sociedade depende de um senso moral que se concretiza no controle das paixões, prerrogativa do exercício de uma virtude social. Se, por um lado, o senso moral de Shaftesbury parece ser precisamente aquele que caracteriza Elinor em *Razão e Sensibilidade* em oposição aos excessos de Marianne, é essa importância da moderação no tocante a uma virtude naturalmente conduzida ao bem da espécie que pode ajudar a elucidar por que um romance como *O Morro dos Ventos Uivantes* tenha parecido anti-natural ou improvável para seus leitores no século XIX.

As paixões em *Razão e Sensibilidade* e em *O Morro dos Ventos Uivantes*

Razão e Sensibilidade é uma narrativa que se pretende didática e moralmente instrutiva, cujo enredo de estrutura espelhada, em que as irmãs Elinor e Marianne se defrontam com problemas muito semelhantes, permite a demonstração dos impactos da conduta de cada uma tanto no que se refere a elas próprias quanto às pessoas a sua volta. O decoro e a moderação de Elinor, a personagem-modelo, é representado como uma conduta muito mais sensível e empática, e muito mais cautelosa no sentido de uma autopreservação, do que as convicções inflamadas de Marianne. Estas, no mais das vezes, não são somente preconceituosas, mas tolas e ingênuas, e levam a um comportamento que, se resvala em crueldade para com outras personagens, também origina um erro de julgamento quase fatal para a própria Marianne. É desse tipo de equívoco que a cautela de Elinor a protege, de modo que o seu decoro e a sua *politeness* devem ser entendidos como a manifestação prática e concreta de uma virtude moral no âmbito da vida em sociedade, como uma conduta que alia o zelo por si mesmo à necessidade de levar em consideração não somente os próprios sentimentos e vontades, mas os alheios também. Em contrapartida, a imoderação de Marianne e a sua recusa em submeter suas emoções a qualquer tipo de restrição quando em público são retratadas enquanto marca inequívoca de um egocentrismo que, nessa sociedade, não pode ser entendido senão como vício, que torna a personagem miserável. Note-se, ainda, que os silêncios necessariamente implicados pelo autocontrole e pelo decoro de Elinor nas situações públicas colocam uma problemática de ordem formal para o romance que Austen resolve com perspicácia em

sua opção de enfoque narrativo. A obra apresenta um narrador impessoal que privilegia o mundo subjetivo de Elinor, de modo que o leitor pode testemunhar o seu esforço constante para controlar os próprios impulsos e emoções e as sutilezas do movimento entre as esferas do público e do privado, implicado na própria noção de decoro e tão bem manejado pela personagem.

Em contrapartida, não há em *O Morro dos Ventos Uivantes* representação da virtude da moderação que se contraponha à passionalidade exacerbada que caracteriza Catherine e Heathcliff, os protagonistas do romance de Emily Brontë. Enquanto em *Razão e Sensibilidade* a figura de Elinor funciona como o modelo ao qual Marianne se conformará, Catherine e Heathcliff se assemelham não somente na ferocidade com que manifestam seus sentimentos, mas em sua recusa em submetê-los a qualquer tipo de controle de cunho moral. De fato, enquanto há, na obra de Austen, um elogio da contenção e uma condenação do comportamento excessivamente passional, observa-se a ausência de um tal comentário no romance de Emily Brontë. Da passionalidade violenta que Catherine e Heathcliff têm em comum, decorre um egoísmo tão absoluto que sua relação baseia-se antes num senso de identidade, do que de alteridade: na violência com que expressam o seu amor, não parece haver nenhum aspecto empático, nenhuma insinuação de um senso moral que exija que se leve em consideração o bem do outro. A própria essência do amor de Catherine e Heathcliff pode ser entendida como vil: a “violência do egoísmo”, nos termos de Shaftesbury, é, afinal, por excelência, a definição do vício. Ademais, assim como em Jane Austen o sentido didático orienta a própria composição formal da narrativa, a dificuldade de se localizar um sentido moral em *O Morro dos Ventos Uivantes* relaciona-se também aos aspectos formais da obra. No romance de Emily Brontë, em função do esquema complexo em que uma narrativa é enquadrada pela outra, com narradores-personagens, participantes da história, de cuja confiabilidade podemos desconfiar, é quase impossível identificar julgamento de teor moral que oriente a avaliação do leitor.

Referências

- AUSTEN, Jane. **Sense and sensibility**. Macmillan Collector's Library: London, 2016.
- BRONTË, Emily. **Wuthering Heights**. London: Collector's Library, 2003.
- FERGUS, Jan. “The Literary Marketplace”. In: JOHNSON, C. L.; TUIITE, C. (Orgs.). **A Companion to Jane Austen**. Blackwell Publishing, 2009. pp. 41-50.
- GASKELL, Elizabeth. **Life of Charlotte Brontë**. London: J.M. Dent & Sons Ltd., 1946.
- JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- PRADO, Raquel de Almeida. **Perversão da Retórica, Retórica da Perversão: Moralidade e Forma Literária em As Ligações Perigosas** de Choderlos de Laclos. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- SHAFTESBURY. Uma investigação acerca da virtude ou do mérito. In: **Filosofia moral britânica: Textos do século XVIII**. Trad. de Álvaro Cabral. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- SOUTHAM, B. C. **Jane Austen: The Critical Heritage**. Vol. 1. London: Routledge & Kegan Paul, 1968.
- VASCONCELOS, Sandra G. **A Formação do Romance Inglês: Ensaios Teóricos**. São Paulo: FAPESP, 2007.